

A ECONOMIA DO FUTURO: imaginando a economia do futuro hoje

Pe. Gaël Giraud¹

Ao contrário do que foi imprudentemente alardeado por alguns economistas, o fim da pandemia não foi acompanhado por uma recuperação no crescimento do PIB em todo o mundo; o "crescimento" está em baixa em todos os lugares, até mesmo na China e nos Estados Unidos. Além disso, há poucos motivos para acreditar que nos próximos anos haverá uma "ressurreição" de um regime de crescimento semelhante ao já lento que prevalecia antes de 2019. Sem mencionar o que o Ocidente e a China vivenciaram antes do colapso financeiro de 2007-2009. Portanto, o que muitas pessoas consideram erroneamente como o "combustível" essencial para a prosperidade não existe mais e, provavelmente, não existirá nas próximas décadas. É possível imaginar um mundo e uma economia pós-crescimento?

É isso que os jovens pesquisadores, ativistas e homens e mulheres de todo o mundo que contribuem para a economia de Francisco e Clara estão tentando fazer.

Outro totem está prestes a cair: a luta contra a inflação como uma prioridade de política pública, uma inflação erroneamente considerada estritamente monetária e que deveria ser defendida apenas por políticas monetárias. A inflação global, impulsionada primeiramente por interrupções de fornecimento nas principais cadeias de valor internacionais e, em seguida, em grande parte pelas margens infladas de determinadas empresas, começou a cair em alguns países. No entanto, esse declínio não é universal e provavelmente será temporário: vários recursos críticos de mineração (incluindo o cobre) verão seus custos de extração aumentarem ao longo da década, tanto em termos de energia quanto de água. Essas duas *commodities* não serão mais abundantes em 2030 do que são hoje, pelo contrário; porque o petróleo barato também é coisa do passado. A melhor maneira de desacelerar a inflação não seria nos livrarmos de nossa dependência de combustíveis fósseis e minerais?

O apelo feito em 2019 aos jovens de nosso planeta para que inventem uma nova economia é mais atual do que nunca, à medida que a fachada do paradigma dominante se rompe e entra em colapso. Atualmente, a persistência dessa "economia que mata", como diz o Papa Francisco, está contrariando não apenas nossos esforços para reduzir a pegada ecológica da humanidade em nossa "casa comum", mas também as esperanças de paz de muitos países.

¹ Mestrado em Modelagem e Métodos Matemáticos em Economia, na Ecole Polytechnique/University Paris-1. Graduado pela Ecole Nationale de la Statistique et de l'Administration Economique - ENSAE e pela Ecole Normale Supérieure.

Não nos enganemos, a invasão russa da Ucrânia é também, e talvez principalmente, uma guerra para dominar os recursos subterrâneos de um país que é considerado o Eldorado da Europa, não apenas por sua agricultura, mas também por sua enorme riqueza mineral. Agora, o Oriente Médio, o controle das escassas fontes de água é uma questão de sobrevivência para milhões de pessoas, pois corre o risco de pegar fogo... A "terceira guerra mundial em pedaços" (Francisco) que está sendo travada por tantos países não pode ser separada da corrida pelos recursos naturais.

Cabe aos jovens pesquisadores e ativistas de hoje inventar a economia de amanhã. Portanto, não cabe a nós, da geração anterior, dizer-lhes como a mudança de paradigma econômico de que precisamos pode, ou deve, acontecer. Minha geração deve, finalmente, concordar em ouvir os gritos dos jovens. Suas esperanças e medos na escuridão em que se encontram, em grande parte como resultado de nossa dependência do velho mundo, o mundo do produtivismo financeirizado e desigual, o mundo dos combustíveis fósseis². Do ponto de vista cristão, é uma questão de obediência (*obedire*, em latim, significa "ouvir") ao Espírito que está falando ao coração da nova geração. Obediência ao gemido da criação que anseia por dar à luz um novo mundo (Rm 8:26). Obediência à novidade de Deus, "sempre nova".

Ao contrário do antigo paradigma, a Economia de Francisco e Clara não pode consistir em um pequeno número de postulados abstratos, supostamente universais e que os economistas mais lúcidos, há muito tempo, demonstraram ser falsos: os mercados financeiros nunca são eficientes; a poupança não precede o investimento; uma economia nunca está em equilíbrio; o dinheiro nunca é neutro; um empréstimo nunca é equivalente a um investimento; muito mais do que o "capital" são as matérias-primas e os recursos naturais que determinam a prosperidade humana; muito mais do que a competição até a morte é a capacidade de homens e mulheres de cooperar que alimenta essa prosperidade etc. O primeiro capítulo da encíclica *Fratelli Tutti*³ (2020) fez justiça a essas miragens. Em vez de partir de axiomas ideológicos, a Economia de Francisco e Clara optou resolutamente por buscar suas fontes de inspiração nos experimentos de campo que estão sendo vivenciados aqui e ali. Daí sua natureza "experimental", variada e heterogênea. Ao desenvolver esses experimentos, no entanto, ela é guiada por uma série de "princípios espirituais" que sustentam a ação pastoral de Francisco e

² Cf. "Les nuits de la jeunesse contemporaine : une réflexion sur l'économie de François", G. Giraud, Civiltà Cattolica, mars 2023, <https://www.laciviltacattolica.fr/les-nuits-de-la-jeunesse-contemporaine-une-reflexion-sur-leconomie-de-francois/>.

³ Cf. : https://www.vatican.va/content/francesco/fr/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

que já foram expressos com força na exortação *Evangelii Gaudium*⁴ (2013):

- o todo é maior do que a parte (ao contrário do individualismo metodológico de certos economistas que imaginam que o indivíduo isolado é a base do vínculo social);
- o tempo é mais importante que o espaço (um convite para ampliar o horizonte de tempo de nossos projetos, ao contrário do curto prazo do mercado de ações);
- A unidade é a prioridade (e, portanto, a solidariedade para todos, que é a única maneira de alcançar a unidade em longo prazo).

No entanto, podemos ter certeza de que, seja qual for o local e o problema específico que esteja tentando resolver, a Economia de Francisco e Clara terá que enfrentar três desafios específicos em todos os lugares.

Em primeiro lugar, o da própria vida, da biodiversidade, da agricultura e da água. A falta de acesso à água potável pode chegar a 40% da demanda global até 2030. Assim, duas em cada cinco pessoas teriam falta de água potável. Isso seria acompanhado por uma proliferação de fomes, cuja escala ainda não percebemos. As Nações Unidas estão em alerta, tentando desesperadamente levantar fundos para lançar um programa de combate à insegurança alimentar. As dificuldades encontradas pela comunidade internacional em simplesmente olhar para os desastres em andamento e ajudar a remediá-los – olhar no sentido mais forte: ver e se deixar desafiar pelos rostos daqueles que são as primeiras vítimas – são sintomáticas da incapacidade do velho mundo de se adaptar aos desafios contemporâneos. A exortação apostólica *Laudate Deum*⁵ (2023), portanto, pede uma profunda renovação das instituições da comunidade internacional. Como podemos construir novas instituições, ou reformar as antigas, que nos permitirão cuidar de nossos bens comuns globais – água potável, biodiversidade, etc.? Essa é uma das principais questões levantadas pela Economia de Francisco e Clara.

Enquanto isso, um terço dos alimentos nas geladeiras dos países industrializados é jogado fora. Economizar esse alimento produzido para nada levaria a uma economia substancial de água. Para sair dessa "cultura do desperdício" (Francisco), precisamos pensar em nossa relação com a comida e a bebida, que é, ao mesmo tempo, arcaica e íntima: precisamos dar prioridade à comida vegetariana (que provoca menos emissões), à comida "zero quilômetro" (ou seja, comida feita com produtos locais), à comida sazonal e à comida sem plástico. As Casas de Francisco e Clara no Brasil são um dos cem exemplos promissores

⁴ Cf.: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_en.pdf.

⁵ Cf.: https://www.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html.

de como a Economia de Francisco e Clara pretende enfrentar esse outro desafio. A agroecologia certamente se tornará um capítulo essencial dessa nova economia.

Em segundo lugar, não há como escapar do desafio da mudança energética para as energias renováveis. O problema não é apenas técnico, é também político. Por trás de nossas escolhas energéticas (combustíveis fósseis, nuclear, solar, eólica etc.) estão escolhas sociais muito profundas: um país cujo fornecimento de eletricidade provém, essencialmente, de um sistema nuclear centralizado e estatal não terá a mesma relação com a democracia que outro em que a descentralização da produção de energia renovável para as comunidades locais, ou mesmo para as residências, é incentivada. E as empresas encarregadas de produzir, coletar ou distribuir essa energia – desde as multinacionais com vínculos incestuosos com regimes corruptos onde o urânio é encontrado, até as cooperativas alemãs da década de 2010 ou a *communita energetica* italiana da década de 2020 – não terão a mesma relação com a deliberação, a atenção às partes interessadas, as desigualdades primárias de renda etc. Em alguns países, é o compromisso político que sustenta toda a nação que precisa ser revisto para que a transição energética possa ocorrer: na África do Sul, por exemplo, abandonar o carvão significa abrir mão de grande parte do que tornou o *Apartheid* possível e da discriminação que, apesar de 1994, continua a prejudicar o país. Em outros lugares, grande parte do sistema bancário em dificuldades precisa ser transformada⁶.

Em terceiro lugar, a transformação do setor: em contraste com a obsolescência programada das joias miniaturizadas que são nossos *smartphones*, a única maneira de lidar de forma inteligente com a escassez relativa de vários minerais, o custo crescente da energia e a captação de água, é imaginar uma indústria de manufatura que venda o serviço em vez do objeto - como as empresas que recolhem os pneus que você comprou quando eles se desgastam – e por meio de objetos simples, sem o máximo possível de componentes eletrônicos, que sejam fáceis de consertar e reciclar. A imaginação industrial da Economia de Francisco e Clara é, portanto, a antítese da Califórnia do Vale do Silício.

Por que o serviço e não o objeto? Porque muitas pessoas no Norte encheram suas casas e garagens com coisas que quase nunca usam. Seus carros são dirigidos por uma média de 5 minutos por dia. Uma motosserra é, realmente, usada por algumas dezenas de minutos, em média, antes de ser descartada. Os barcos de recreio particulares das pessoas mais ricas deixam seus ancoradouros em média 1,5 dia por ano... O setor de amanhã não pode repetir esse desperdício; é melhor que aprenda a renunciar a ele por meio da sabedoria e não do

⁶ Cf. “Actifs fossiles, les nouveaux subprimes ?”, rapport de l’Institut Rousseau, juin 2021, <https://institut-rousseau.fr/actifs-fossiles-les-nouveaux-subprimes/>.

desastre. Por que devemos livrar nossos objetos de uso diário dos eletrônicos? Porque isso nos torna dependentes de ainda vinte ou mais minerais, além dos "metais principais" que tornaram possível a eletrificação de nossas cidades e de nossa vida; e porque a miniaturização dos eletrônicos torna o reparo e a reciclagem complicados e caros. Será que realmente precisamos de uma tela de TV de cristal líquido na máquina de café para nos distrair enquanto enchemos a xícara? Vamos reservar os eletrônicos para os setores que não podem passar sem eles: saúde, forças armadas, pesquisa, tecnologias de ponta etc. O reparo economiza em média seis anos de vida útil dos nossos produtos manufaturados. A reciclagem, por outro lado, é essencial, mas deve ser considerada no estágio de *design* do produto.

Agora que a China decidiu redirecionar grande parte de sua própria produção para o mercado interno, talvez a África – o único continente a experimentar um aumento demográfico significativo nas próximas décadas – seja o próximo continente industrial do planeta? O Ocidente pode se reindustrializar? O Sudeste Asiático? A América Latina? Em todos os casos, será uma questão de inventar uma nova indústria funcional "verde", econômica em materiais, água e energia –, mas também em criar empregos, o que é uma boa notícia para todos os jovens que atualmente não têm um emprego decente. Essas questões também são as da Economia de *François e Claire*.

Elas podem ser consideradas por aqueles que estão hoje procurando um emprego "verde" significativo; e não submetidas a elas por jovens deixados às estratégias de otimização de portfólio de um clube muito pequeno de fundos de gestão de ativos globais, cujo gigantismo e concentração lhes deram um poder maior do que o de muitos Estados.

Como você pode imaginar, essas transformações são impossíveis sem uma conversão – e essa não é uma palavra muito forte – de nossa imaginação, não apenas agrícola e industrial, mas antropológica e até cosmológica. Esse já era o apelo da encíclica *Laudato Si*⁷, de 2015. Muitos ocidentais sonham consigo mesmos como indivíduos isolados, enfrentando o mundo, armados com a tecnociência, à maneira do *Uomo di Vitruvio* (Homem Vitruviano) de Leonardo da Vinci. Assim que as florestas, o mar, as montanhas e as planícies à sua frente lhes parecerem constituir uma paisagem externa pela qual estão apenas passando, como atores em um filme, os seres humanos acreditarão que um cenário pode ser destruído e substituído por outro. Essa é uma das raízes do produtivismo destrutivo, um veneno que a globalização do mercado da década de 1980 espalhou quase até os confins do mundo. A verdade é bem diferente, e as raras populações indígenas que sobreviveram à "mundialização" (Derrida) do

⁷ CF.: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_en.pdf.

mundo a conhecem bem: eu sou meu corpo, e meu corpo é parte integrante das árvores, rios, formigas e bactérias que o cercam. 90% das células que compõem meu corpo não vêm dele (eu). Um em cada cinco copos de água que bebo todos os dias vem da evapotranspiração das grandes árvores da Amazônia. E uma em cada cinco respirações de ar fresco que inspiro vem do oxigênio produzido por essas mesmas árvores. Portanto, não é exagero dizer: eu sou a Amazônia⁸. O que seria uma economia que levasse a sério essa realidade universal, em vez de ver o mundo e seus habitantes como um reservatório de riqueza à nossa disposição, que poderíamos transformar em capital para obter lucro? Essa é a pergunta que está no centro da Economia de Francisco e Clara. Tentar respondê-la certamente requer ouvir não apenas o que a geração mais jovem está vivenciando, mas também o que as populações indígenas da Amazônia e do resto do mundo estão vivendo. Viver o *Suma qamaña* dos povos aimarás, por exemplo, é experimentar que "eu sou" porque "nós somos" e que "nós somos" porque "estamos conectados às onças, jacarés e cobras, assim como estamos conectados uns aos outros, aos nossos ancestrais e às gerações futuras". Fora desse feixe de relacionamentos não há vida humana. Teríamos uma experiência semelhante se vivêssemos o *Ukama* das tribos Shona no sul do Zimbábue, ou o *Ubuntu* da África Ocidental. Onde isso acontece? A encíclica *Laudato Si* já sugeriu um caminho, ao afirmar que há um espírito (ruim) comum àqueles que afirmam que os danos ecológicos são insignificantes porque os "mercados" os proverão, àqueles que estupram crianças e àqueles que abandonam seus pais idosos. Durante uma audiência em Roma, em setembro de 2020, o Papa Francisco acrescentou um quarto termo a essa triste série: violência contra a mulher. De fato, muitas vezes são as mesmas pessoas que demonstram uma "fé" (pagã) nos mercados, que destroem o planeta, estupram mulheres, abusam de crianças e maltratam os idosos.

É com isso que a Economia de Francisco e Clara pretende romper, inventando maneiras de fazer as coisas, práticas e instituições que nos permitirão honrar nossos bens comuns globais – o clima, a biodiversidade, mas também a saúde, o dinheiro, a terra... – cuidar das mulheres (que são, na realidade, as que carregam o mundo humano à distância), educar nossos filhos e acompanhar nossos pais com dignidade. Os rapazes e moças da Economia de Francisco e Clara que estão enfrentando essa imensa tarefa não estão começando do zero. Como já dissemos, eles podem aproveitar o extraordinário solo cultural, simbólico e prático das comunidades indígenas vivas. Na Índia, para citar apenas mais um exemplo, eles

⁸ Cf. Querida Amazônia, exhortation apostolique post-synodale, 2020, https://www.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html.

podem encontrar inspiração no *swaradj* hindu, ou seja, aprender sobre os limites que estabelecemos para nós mesmos, sem os quais deixamos de ser humanos. Acima de tudo, eles podem contar com o Espírito de Assis que habita aqueles de sua geração que já embarcaram nesse caminho e que dão testemunho nas páginas a seguir.

Um Espírito no qual o outro – humano ou não – deixa de ser visto como uma coisa, mas se torna uma contraparte que me convida a ocupar seu lugar sem deixar o meu. Não para aprender a pensar "como um golfinho", nem para entender "como os pobres pensam", mas para aprender a respeitá-los, a respeitar a nós mesmos. E logo, por exemplo, para acabar com os massacres anuais de golfinhos realizados por certos pescadores japoneses para vender sua carne, que eles fazem passar por carne de baleia? Porque, convenhamos, enquanto os seres humanos continuarem a se entregar a esses rituais bárbaros, as crianças serão maltratadas, as mulheres serão violentadas, os idosos morrerão em extrema pobreza e nosso planeta continuará a ser devastado pela atividade humana.

A felicidade, afinal, é o que a Economia de Francisco e Clara promete. Nada menos que isso. E este Dossiê revela as premissas!

Gaël Giraud SJ,
Fundador do Programa de Justiça Ambiental da Universidade de Georgetown, Washington
DC, diretor de pesquisa do CNRS.